

**PESQUISA CARTOGRÁFICA
DO ATLAS TOPONÍMICO DE ORIGEM INDÍGENA
DO TOCANTINS – PROJETO ATITO**

Karylleila dos Santos Andrade (UFTO)

INTRODUÇÃO

O signo toponímico é motivado pelas características físicas do local ou pelas impressões, crenças e sentimentos do denominador. Além de diferir dos demais signos, no que se refere à motivação, tem particularidade específica também quanto à função. O signo lingüístico se reserva à arbitrariedade; o signo toponímico, à motivação. O que os diferencia é a função significativa quando a toponímia os transforma em seu objeto de estudo. O signo, na toponímia, é direcionado pela função onomástica, identificar nomes, caracterizada pela motivação. Deve, portanto, ser encarada sob dois ângulos: a função do denominador (razões que fazem com que o falante escolha e/ou selecione um signo toponomástico, dentro de um eixo paradigmático) e a natureza do produto dessa escolha: a própria origem semântica da denominação, de modo transparente ou opaco. Todo trabalho toponímico constitui um caminho possível para o conhecimento do *modus vivendi* e da cosmovisão das comunidades lingüísticas que ocupam ou ocuparam um determinado espaço. Nesse momento, são exteriorizados e evidenciados aspectos sociais, religiosos, antropológicos, organização política e lingüística de um determinado grupo.

**TOPONÍMIA TOCANTINENSE:
ASPECTOS METODOLÓGICOS**

A priori, para conhecer a toponímia tocantinense foi realizado um trabalho de levantamento das cartas topográficas e pesquisa bibliográfica no IBGE de Palmas e no 22º Batalhão do Exército, com sede na capital do estado. O período de coleta e análise foi de outubro de 2002 a fevereiro de 2003. No IBGE, foram levantadas e catalogadas cerca de 58 cartas topográficas e 69 no 22º Batalhão do Exército de Palmas, em uma escala topográfica de 1:100.000, perfa-

LIVRO DOS MINICURSOS

zendo um total de 127 cartas. O *corpus* levantado data de 1979, pertence à Carta do Brasil, Secretaria de Planejamento da Presidência da República, IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia, Superintendência de Cartografia.

O objetivo desse levantamento foi catalogar todos os topônimos de origem indígena. Foi utilizado como critério de análise o elemento físico e antropo-cultural registrado nas cartas: rio, córrego, ribeirão, grotas, riacho, cidade, fazenda, sítio, chácara, escola e outros. Como algumas cartas estavam mais vinculadas a outros estados, das 127 cartas foram analisadas 114, as quais abarcam a área geográfica do estado do Tocantins. O *corpus* permitiu catalogar cerca de 1.350 topônimos. Ressalta-se, no entanto, que estão incluídos todos os prováveis topônimos de origem indígena, até mesmo os repetidos. Prevaleceu como forma de totalização dos dados o registro, a análise e a descrição de cada carta individualmente.

Durante o percurso da pesquisa, houve problemas com a coleta e a sistematização dos dados, sobretudo os relacionados com o levantamento de dados históricos dos municípios do estado. Dos 139 municípios, cerca de 40% não possuem registros históricos no IBGE de Palmas. Para realizar a pesquisa, procuramos por meio do telefone e da internet coletar dados referentes à história dos municípios, principalmente daqueles que foram criados após a divisão do estado, em 1989, perfazendo um total de 79 municípios. Alguns desses municípios não nos disponibilizaram informações sobre o histórico porque de fato não havia nenhum registro ou documento oficial. Durante o contato com as prefeituras, evidenciamos a falta de preocupação e responsabilidade com os dados históricos e cartográficos dos municípios.

Os topônimos pesquisados podem estar atrelados diretamente ao denominador ou até mesmo às situações originais que motivaram a denominação inicial. Os aspectos demográficos, físicos e migratórios, os recortes geomorfológicos e hidrográficos e, mais recentemente, após a criação do estado, aspectos políticos e ideológicos, são considerados fatores que significam verdadeiros índices que puderam ser traduzidos em formas denominativas, compondo a toponímia indígena tocantinense.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

A taxionomia desenvolvida por Dick (1990a) serviu como subsídio teórico-metodológico com o intuito de compor o **ATITO**, conforme o modelo utilizado no ATESP. Para a autora, um dos grandes problemas na definição de uma taxionomia mais precisa é o conceito de Toponímia que é definido como um depositário de fatos culturais e geo-históricos que envolve a nomeação e a significação do nome de um lugar. Daí decorre a imprecisão em delimitar o campo da toponímia que perpassa pelas Ciências Sociais, História, Geografia e a Linguística. A onomástica é compreendida como um emaranhado de aspectos línguo-culturais que se entrecruzam com os dados das demais ciências, por isso é considerada como um fato do sistema das línguas humanas. Partiremos, então, do princípio de que a linguística é parte essencial para o desenvolvimento deste trabalho.

Diacronicamente, esses dados servirão de suporte para a apreensão do *corpus*, a partir de um estudo etimológico e semântico, na busca da descrição e recuperação do termo toponímico. O *corpus* levantado nem sempre é o de primeira geração. Os nomes estudados podem estar vinculados diretamente ao denominador ou até mesmo às situações originais que condicionaram a denominação inicial.

O cenário geomorfológico brasileiro exemplifica muito bem essa condição: o denominador pode não ver na paisagem uma relação semântica lógica. Ele poderá optar por uma motivação mais subjetiva, até mesmo noológica. Nesse caso, Dick esclarece haver dificuldade de enquadramento nos padrões motivadores explícitos, necessitando, para a sua plenitude, da presença do informante ou do estudo contextual do meio.

A toponímia tocantinense não pode ser discutida sem levar em consideração as duas grandes bacias hidrográficas: os rios Araguaia e Tocantins. Às margens do rio Araguaia, temos os municípios de Araguacema, Araganã e Araguatins; às margens do rio Tocantins, os municípios de São Salvador do Tocantins, Ipueiras, Tocantínea, Tupirama, Bom Jesus do Tocantins, Tupiratins, Itapiratins, Palmeira do Tocantins, Babaçulândia, Tocantinópolis, Itaguatins, São Miguel do Tocantins e São Sebastião do Tocantins.

Em um período de 13 anos, foram criados 79 municípios, totalizando 139 no ano de 2002. Desse total, 28% possuem o termo Tocantins. Ex.: Maurilândia do Tocantins, Santa Terezinha do To-

LIVRO DOS MINICURSOS

cantins, Bom Jesus do Tocantins. O dado motivacional desses topônimos, no entanto, não é de origem hidrográfica, o rio Tocantins, mas faz referência a aspectos políticos, ideológicos, diferentemente dos topônimos como Tupiratins, Tocantinópolis e Tocantínea que refletem e refratam, no percurso da enunciação, aspectos físicos da paisagem geomorfológica do estado. Esses topônimos são datados antes da divisão política do estado.

O topônimo não é algo estranho ou alheio ao contexto ambiental, histórico-político e cultural da comunidade. Ao contrário, reflete e refrata de perto a própria essência do ser social, caracterizado pela substância de conteúdo. Os rios Araguaia e Tocantins sugerem, na formação dos topônimos tocantinense, a intencionalidade do denominador, de modo objetivo a eleger topônimos motivados pelos rios. Revela-se aqui a própria origem semântica da denominação de modo transparente. Ao contrário de alguns topônimos que foram criados ou renomeados após a divisão do estado. Os topônimos registrados, antes de sua divisão, como sendo “Norte” ou “Goiás” foram alterados, por Decreto-Lei, para Tocantins. Ex.: Miracema **do Norte** para Miracema **do Tocantins**, Colinas **de Goiás** para Colinas **do Tocantins**. A intencionalidade motivacional, nesses exemplos, figura aspectos político-ideológicos. A origem semântica da denominação não está no rio, mas na demarcação de um novo território político-histórico que se formou dentro do estado.

Toda a documentação cartográfica referida, os documentos e registros bibliográficos coletados são instrumentos metodológicos que consubstanciam o estabelecimento das etapas relativas à desconstrução e à recriação dos próprios dados.

Levantamento parcial dos topônimos (acidentes físicos e humanos) de origem indígena registrados nas cartas topográficas da região do estado do Tocantins

Carta 953

Axixá de Goiás					
Cidade	Lugarejo	Serra	Córrego	Ribeirão	Fazenda
Buriti	Macaúba	da Macaúba	Bacuri	Macaúba	Buriti
	Sumaúma		Suçupara	Matrinchã	Juçara
	Açaizal			Gr. Jacuba	

ANDRADE (2006)

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Carta 1030

Nazaré					
Cidade	Escola / Lugarejo	Ribeirão	Córrego	Morro Serra /	Fazenda
Angico	Esc. Aranoópolis	Mumbuca	Xupeé	Mo. de Sorocaba	Bacuri
	Tucum	Botica	Bacuri	Mo. do Bacuri	Jabuti
			Jacuba		Jenipapo
			Buritirana		Xupé
			Jabuti		Imburana
			Jussara		Jurarã

ANDRADE (2006)

Carta 1642

Cidade	Rio	Córrego	Ribeirão	Fazenda
Pium	Pium	Tiúba	Surubim	Tiúba
		Jaboti		Suçuarana
		Suçuapara		Macaúba
		Macaúba		
		Curica		

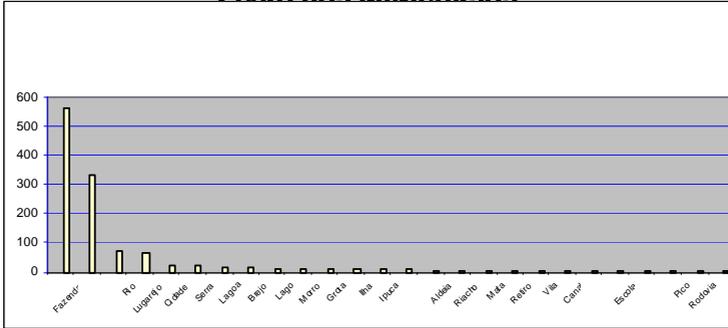
ANDRADE (2006)

Carta 1939

Rio	Córrego	Ribeirão	Fazenda
Tocantins	Pindabal	Mutum	Matrinchã
Paraná	Urubuzinho		Buriti
	Urubu		Tamboril
	Taquari		
	Curimbá		
	Tarumã		
	Piabanha		

ANDRADE (2006)

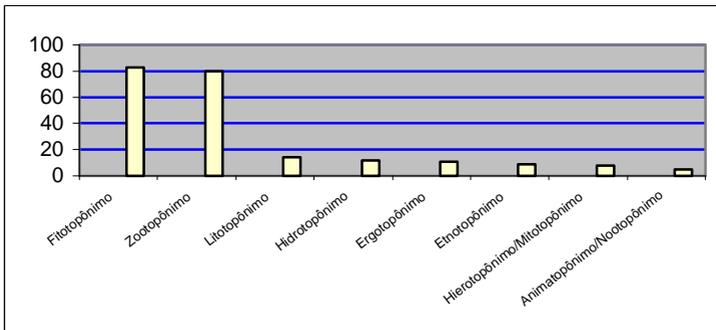
LIVRO DOS MINICURSOS



Distribuição parcial dos acidentes humanos e físicos de origem indígena registrados nas cartas topográficas do Tocantins

Distribuição taxionômica dos topônimos do estado do Tocantins

Como resultado da pesquisa, elaborou-se estes dois gráficos que servem como parâmetro metodológico para o levantamento dos dados coletados nas cartas topográficas, pertencentes ao estado do Tocantins, bem como o registro detalhado dos topônimos de natureza física e antropocultural.



A análise do *corpus* aponta que os topônimos de natureza física, **fitotopônimos e zootopônimos**, são os mais presentes na cartografia tocantinense de origem indígena. A partir do plano onomasiológico, córregos, fazendas, rios, ribeirões, morros, lagos, lagoas e outros acidentes vão sendo nomeados. Em parte, esses signos, em função onomástico-toponímica, representam, muitas das vezes, uma projeção aproximativa da realidade geomorfológica e antro-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

cultural do ambiente, tornando evidente a natureza semântica de seu significado. Ex.: Babaçulândia (AH TO), Muricilândia (AH TO), Itacajá (AH TO) e Araguatins (AH TO). Dos 60 municípios existentes antes da divisão do estado, 15 eram nomeados com topônimos indígenas (Araguatins, Araguacema, Arapoema, Babaçulândia, Dueré, Goiatins, Guaraí, Itacajá, Itaporã, Juarina, Paranã, Pium, Tocantópolis, Tocantínea, Xambioá).

Análise etimológica dos topônimos indígenas registrados nas cartas topográficas

TOPÔNIMO TOCANTINENSE	LÉXICO INDÍGENA	ETIMOLOGIA SAMPAIO
Araguatins	ARAGUÁ TIM	- s.c. Ará-guá , o vale ou baixada dos papagaios. <i>Alt. Araguaba.</i> - <i>corr. Ti</i> , ponta, nariz, saliência, proa. Pode ser uma forma contrata de tinga , branco, alvo. V. Ti .
Buriti	BURITY	- <i>corr. Mbiriti</i> , árvore que emite líquido; a palmeira. (<i>Mauritia Vinífera</i> , Mart.) <i>Alt. Murity, Mirity, Mority.</i>
Cariri	CARIRY	- <i>corr. Kiriri</i> , <i>adj.</i> Taciturno, silencioso, calado. Nome de uma numerosa nação selvagem que, outrora, dominou grande extensão do Brasil, da Bahia para o Norte, concentrando-se, mais tarde, nos sertões do Nordeste: Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco. No Amazonas, designa uma espécie de gavião.
Guaraí	GUARAHY	- c. Guará-y , o rio dos guarás, ou aves rubras. (<i>Íbis</i>); no rio das garças.
Itacajá	ITÁ ACAYÁ	- c. Y-tá , o que é duro, a pedra, o penedo, a rocha, o seixo, o metal em geral, o ferro. 107. <i>Alt. Ta.</i> - s.c. Acã-yá , o fruto de caroço cheio, graúdo; fruto que é todo caroço (<i>Spondias brasiliensis</i>). <i>Alt. cajá.</i>
Macaúba	MACAHIBA	- <i>corr. Macá-yba</i> , a árvore da macaba. É a palmeira <i>Acrocomia sclerocarpa</i> , Mart., que se chama Coco-de-catarro. <i>Alt. Macahyba, Macayuba, Bocayuva.</i> V. Macaba.
Tocantins	TOCA TIM	- s. Forma absoluta de oca , a casa, o refúgio, o esconderijo, o abrigo. 112. V. Oca. <i>Alt. Ro-ca, Soca.</i> Município: Localização:

LIVRO DOS MINICURSOS

		Topônimo: AH: Taxionomia: Etimologia: Entrada lexical: Estrutura morfológica: Histórico: Informações enciclopédicas: Contexto: Fonte: Pesquisadora: Revisora: Data da coleta: - <i>corr.</i> Ti , ponta, nariz, saliência, proa. Pode ser uma forma contrata de tinga , branco, alvo. V. Ti.
--	--	--

ANDRADE (2006)

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA

Este modelo de ficha lexicográfico-toponímica foi elaborado pela coordenadora do ATB – Atlas Toponímico do Brasil, Dr^a Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick. Como resultado do modelo de ficha adotado por Dick (2004), das 71 fichas descritas será apresentada de forma detalhada, considerando os seguintes elementos que contemplam o estudo toponímico-onomástico: localização geográfica do município, topônimo, etimologia, taxionomia, entrada lexical, estrutura morfológica, histórico, informações enciclopédicas, contexto situacional, fontes, o nome da pesquisadora e da revisora e a data da coleta dos dados.

Ficha lexicográfico-toponímica, modelo de Dick (2004)

Os elementos que compõem a ficha lexicográfico-toponímica são característicos do estudo onomástico:

- **Localização / Município** – este item remete à localização geográfica do município, caracterizado, neste trabalho, por 18 (dezoito) regiões administrativas do estado do Tocantins.
- **Topônimo** – tem por objeto de estudo os nomes dos lugares de origem indígena do estado do Tocantins.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

▪ **AH.** – Acidentes Humanos: análise dos topônimos de origem indígena dos 71 municípios do Tocantins.

▪ **Etimologia** – trata da história ou origem das palavras e da explicação do significado de palavras por meio da análise dos elementos que as constituem. É o estudo da composição dos vocábulos e das regras de sua evolução histórica. Utilizamos, nesta ficha, os estudos etimológicos de Theodoro Sampaio e outros.

▪ **Taxionomia** – as taxes toponímicas permitem interpretar os nomes dos lugares com maior segurança do ponto de vista semântico, partindo de sua natureza física ou antropológica. Dick (1999, p. 142) afirma que as taxionomias não são exaustivas em suas ocorrências e, sim, exemplificativas, podendo ser ampliadas em seus categorias, à medida que novas estruturas vocabulares se constituam, respeitando sempre o modelo originário: adoção de um prefixo nuclear, de característica nocional, relativo a um dos dois campos de ordenamento cósmico, o físico e o humano: acréscimo do termo “topônimo” ao elemento prefixal, para dar a justa medida do campo de atuação da unidade onomástica criada.

▪ **Entrada Lexical** – elemento linguístico de base / entrada do topônimo.

▪ **Estrutura Morfológica** – segundo sua formação, o topônimo por ser dividido em três categorias: elemento específico simples, elemento específico composto e elemento específico híbrido. Neste caso, apresenta-se uma descrição no plano morfológico do topônimo, caracterizando-o em unidades mínimas de significação: morfemas lexicais e gramaticais.

▪ **Histórico** – o IBGE de Palmas nos forneceu uma parte dos registros históricos dos municípios do estado, principalmente, dos municípios já existentes antes da criação do Tocantins. Os outros históricos foram coletados por meio de decretos, visita *in loco*, por e-mail ou web e, ainda, por telefone. Grande parte dos 69 municípios que foram criados após 1989 não possui registros dos históricos.

▪ **Informações Enciclopédicas** – caracteriza-se por acréscimo de informações coletadas em outros materiais de apoio: livros, dicionários, pesquisa na internet.

LIVRO DOS MINICURSOS

▪ **Contexto** – compreende os elementos extralingüísticos comuns entre locutor e interlocutor na situação cultural e psicológica, as experiências e conhecimentos de cada um.

▪ **Fonte** – serviram de subsídios para a análise dos dados os autores Theodoro Sampaio e Eugênio de Castro; os dicionários de Houssais, de Aurélio Buarque de Holanda e de Rosário Farani Mansur Guérios; as cartas topográficas localizadas no IBGE e no 22º Batalhão de Palmas e dados capturados da internet.

▪ **Pesquisador(a)** – Karylleila dos Santos Andrade

▪ **Revisora** – Dr^a Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, 2005.

▪ **Data da Coleta** – outubro de 2002 a fevereiro de 2003.

Município: Muricilândia

Localização: V região administrativa do estado – Araguaína

Topônimo:

AH: Município

Taxionomia: Fitotopônimo

Etimologia: **morici*, s.c. *mboricí*, faz resinar; resineto, grudento. É a planta *Malpighiácea* *Byrsonima*. Bahia, Pernambuco. Alt. *Murici*, *morecí*.

***-lândia, pospositivo, do teotônico comum, como 'terra, país, região', extremamente freqüente em top. das línguas Anglo-Saxãs, alatinados tardiamente com o recurso do suf. *-ia* de locativos pátrios; em port. além de top. como Finlândia, tem servido para forma *ad hoc* de muitos top. Brasileiros, bem como para palavras *ad hoc* de valor afetivo e pitoresco, como pagolândia, brotolândia, pelo menos no Brasil.

**Tucan-tim*, nariz de tucano. Nome de um gentio que deu apelido ao rio. Pará. Goiás. Alt. *Tocantim*.

Entrada lexical: Murici

Estrutura morfológica: Topônimo híbrido ou elemento específico híbrido (substantivo) **murici-** *morici-* (morfema lexical tupi) + **-lândia** (morfema gramatical)

Histórico: Conforme os relatos dos moradores mais antigos do município, foi por volta de 1952 algumas famílias, à procura de uma vida melhor, se instalaram às margens do Rio Muricizal. O lugarejo foi crescendo e, posteriormente, chegou à condição de Distrito, pertencendo a Araguaína. Tornou-se município pela Lei Estadual nº 251, 20 de fevereiro de 1991. Limita-se ao norte, com Santa Fé e o Rio Araguaia; ao sul, com Araguaína e Aragominas; a leste, com Aragominas; e a oeste, com Carmo-

lândia.

Informações enciclopédicas: ****murici* (planta do gênero *byrsonima* da família das *malpighiáceas*).

****tupi mori'si* 'nome de uma árvore que solta resina (planta do gen. *Byrsonima*, da família das *malpighiáceas*).

** *Tocantins ou Tucantins* “nariz de tucano”, nome de uma tribo que habitava às margens desse rio.

****Tocantim* 1. indígena que teria pertencido aos *Tocantins*; 2. Relativo ao *tocantim* ou aos *Tocantins, Tocantins*. Etnol. 3. grupo indígena que teria habitado junto à foz do rio Tocantins PA, etnm.br: *Tocantim*.

Contexto: Conforme a tradição oral, o rio Murici localiza-se próximo à cidade. Às suas margens há uma grande quantidade de árvores frutíferas chamadas murici.

Fonte: ThS*, Eugênio de Castro**, Houaiss***, Aurélio****, IBGE*****, Carta Topográfica, escala 1:100.000, 1979.

Pesquisadora: Karylleila Andrade

Revisora: Dick, 2005

Data da coleta: 28/03/03

ANDRADE (2006)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A motivação para quase todos os 1.350 topônimos, identificados e descritos nas cartas topográficas do Tocantins, resultado da investigação, foi a língua tupi. As bandeiras, que percorreram a região da Província de Goiás, quase só falavam essa língua. No percurso de suas expedições, nomeavam, por onde passavam, com topônimos tupi os lugares, rios, córregos, ribeirões, serras, morros, cachoeiras e outros elementos formadores da natureza física e antropocultural do ambiente, evidenciando e firmando suas marcas de colonizadores e “desbravadores” do sertão do país. “Recebiam, então um nome tupi as regiões que iam se descobrindo e o conservavam pelo tempo adiante, ainda que nela jamais tivesse habitado uma tribo da raça Tupi” (Sampaio, 1987, p. 71).

A região do Planalto Central, onde localizavam grupos indígenas não tupi, as denominações de vales, animais, rios, plantas foram nomeados na língua tupi, conforme a leitura de Sampaio (1987).

LIVRO DOS MINICURSOS

Essa língua permaneceu como vestígio indelével da catequese: trabalho apostólico realizado pelos missionários. Esclarece, ainda, que não acredita que os topônimos de origem tupi, encontrados na geografia brasileira, foram dados pelos índios, mas sim pelos expedicionários que seguiram à colonização, pois todos ou quase todos falavam a língua tupi.

A discussão referente à toponímia indígena tocantinense não se esgota nos resultados obtidos pelo **ATITO**. Há que se considerar outros objetos de estudo: o estudo toponímico e a literatura dos viajantes estrangeiros e brasileiros na Província de Goiás, nos séculos XVIII e XIX; a influência dos rios Araguaia e Tocantins na produção dos topônimos tocantinenses, observando os aspectos hidrográficos, antropoculturais, fauna e flora da região; a contribuição da rodovia Belém-Brasília ou BR 153 na criação de novos municípios; estudo sobre a toponímia dos grupos indígenas que vivem, hoje, no estado (Karajá, Apinajé, Krahô, Krahô-Kanela e os Xerente); contribuição dos resultados do **ATITO** na produção de material didático-pedagógico para as escolas indígenas. Esses são alguns dos objetos de investigação que podem contribuir para a elaboração e produção do ATB – Atlas Toponímico do Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Karylleila dos Santos. *Atlas toponímico de origem indígena do Estado do Tocantins*. Tese de Doutorado. 2006. Universidade de São Paulo.

BERTRAN, Paulo. *História da terra e do homem no Planalto Central*. Eco-História do Distrito Federal: do indígena ao colonizador. Brasília: Solo, 1994.

INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. *Cartas topográficas*. Rio de Janeiro: Secretaria de Planejamento da Presidência da República. Diretoria de Geodésia e Cartografia, Superintendência de Cartografia, 1970.

CASTRO, Eugênio. *Ensaio da geografia lingüística*. São Paulo: Cia Ed. Nacional, 1941.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

DAUZAT, Albert. *La géographie linguistique*. Paris: Flammarion, 1922.

DICK, Maria. Vicentina de Paula do Amaral. O problema das taxionomias toponímicas. Uma contribuição metodológica. *Separata da Revista de Letras*, São Paulo: USP, p. 373-380, 1975.

———. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Arquivo do Estado de SP, 1990.

———. *Toponímia e antroponímia no Brasil: Coletânea de estudos*. 2ª ed. São Paulo: FFLCH/USP, 1999a.

———. Rede de conhecimento e campo lexical: hidrônimos e hidrotônimos na onomástica brasileira. In ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça. *As Ciências do léxico*. v. II. Campo Grande: Ed. UFMS, 2004. p. 121-130.

FERREIRA, Manoel Rodrigues. *As bandeiras do Paraupava*. São Paulo: Prefeitura Municipal, 1977.

GARDNER, George. *Viagem ao interior do Brasil, principalmente nas províncias do Norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836-1841*. Tradução Milton Amado. Belo Horizonte/São Paulo: Ed. Itatiaia/EDUSP, 1975.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 1. ed. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2001.

KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Tradução Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural I*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

LEVI CARDOSO, Armando. *Toponímia brasileira*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1961.

PACACIN, Luís; MORAES, Maria Augusta Sant'Anna. *História de Goiás*. 5ª ed. Goiânia: UCG, 1989.

LIVRO DOS MINICURSOS

———. Ausência do índio na memória goiana. *Ciências Humanas em Revista*, Goiânia, UFG, v. 3, n. 12, p. 59-70, 1992.

POHL, Joahann Emmanuel. *Viagem no interior do Brasil*. Tradução Milton Amado e Eugênio Amado. São Paulo: EDUSP, 1976.

SAMPAIO, Theodoro. *O tupi na geografia nacional*. 5. ed. Corrigida e aumentada. São Paulo: Ed. Nacional, 1987.

———. *Os naturalistas viajantes dos séculos XVIII e XIX e o processo da ethnographia indígena no Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria J. Leite, 1915.

SAINT-HILAIRE, August de. *Viagem às nascentes do rio São Francisco*. Tradução Regina Regis Junqueira. Belo Horizonte/São Paulo: Ed. Itatiaia/EDUSP, 1975.

———. *Viagem à província de Goiás*. Tradução Regina Regis Junqueira. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1975.

TOCANTINS. *Diagnóstico sócio-econômico-administrativo*. Governo Siqueira Campos 1989-1990. Palmas, 1990.

———. *Atlas do Tocantins: subsídios ao planejamento da gestão territorial*. Secretaria do Planejamento e Meio Ambiente. Diretoria de Zoneamento Ecológico-Econômico. Palmas: SEPLAN, 1999.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

